

QUANDO ENTRETENIMENTO E POLÍTICA SE ENCAIXAM: ENQUADRES E ESTRUTURAS DE PARTICIPAÇÃO NO *TALK SHOW*

Liana de Andrade Biar¹

Liliana Cabral Bastos²

lianabiar@gmail.com

lcbastos@bighost.com.br

RESUMO: O objetivo deste artigo é refletir, à luz da sociolinguística interacional, sobre os modos do fazer político contemporâneo e suas (novas) implicações interacionais. Especificamente, focaremos o conceito de *estrutura de participação* (Goffman, 1981; Phillips, 1976; Shultz, Florio e Erickson, 1982) em situações sociais mediadas pela TV, que prescindem do encontro face a face, apoiando-se na distância espaço-temporal entre os interlocutores e no alto potencial de alcance e multiplicação, típicos da comunicação de massa. Para isso, tomaremos como *corpus* uma entrevista de TV no formato *talk show* que traz como convidada uma pré-candidata às eleições municipais do Rio de Janeiro. A ideia básica que permeia a análise, de natureza qualitativa e interpretativa, é que o formato *talk show*, razoavelmente padronizado, articulado ao contexto local do programa selecionado, cria um tipo de situação de interação que encaixa, dentro da troca mais explícita entre entrevistador e entrevistado, uma sub-interação, contida na primeira, entre a entrevistada, que projeta agora a fachada de candidata, e a(s) plateia(s), conseqüentemente posicionadas como eleitores em potencial.

PALAVRAS-CHAVE: interação; estrutura de participação; enquadres; discurso político.

INTRODUÇÃO

Uma situação social, para Goffman (1964), é algo que emerge a qualquer momento em que dois indivíduos se encontram presencialmente. No entanto, na sociedade contemporânea, marcadamente afetada pela tecnologização dos meios de comunicação, protagonizam formas de interação que prescindem do encontro face a face, mediadas pelos instrumentos tecnológicos apoiados em ausências e assincronias.

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/CAPES (bolsa de doutorado).

² Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/CNPq (bolsa de produtividade em pesquisa).

Os programas televisivos, objeto do presente trabalho, não se configuram como encontros de típica comunicação espontânea; entretanto, como uma forma particular de encontro, apresentam-se impregnados de implicações interacionais. A própria co-presença face a face é forjada pelos recursos audiovisuais de que se dispõe, e os animadores desses discursos tendem a fazer uso ostensivo de estratégias discursivas semelhantes às aquelas da conversa espontânea como forma de elaboração retórica e aproximação com as audiências (cf. Biar, 2007).

Merecem atenção especial as modificações que, no bojo das transformações da comunicação mediada, sofrem as atividades sócio-discursivas institucionais. Para ficarmos apenas com o exemplo que nos interessa particularmente neste estudo, nota-se que, a partir de 1989, o fazer político-eleitoral no Brasil adere à comunicação de massa, o que lhe permite multiplicar seu potencial de alcance.

E não só de programas eleitorais se constitui o novo fazer político. As configurações de suas práticas discursivas relacionadas a ele podem se complexificar para além da mera transposição do palanque de praça para o palanque eletrônico. Neste trabalho, por exemplo, debruçamo-nos sobre um programa de auditório de entrevistas que traz como convidada uma pré-candidata às eleições municipais do Rio de Janeiro. O contexto apresenta níveis variados de interlocução: entre entrevistador e entrevistada; entre os mesmos e o auditório; entre todos e os telespectadores. Além disso, exige dos interlocutores um manejo cuidadoso de pelo menos duas relevantes definições da situação – *programa de entretenimento* e a *campanha política*.

À luz da sociolinguística interacional, especialmente a partir de Goffman (1981), refazemos a pergunta de Oliveira e Barbosa (2002) – até que ponto as interações mediadas pela tecnologia sustentam os *insights* relativos aos contextos de interação face a face? –, focando, especificamente, o conceito de estrutura de participação. Produzir uma reflexão, ainda que provisória, sobre as redefinições da estrutura de participação nas interações de cunho político mediadas pela televisão³ é o objetivo do presente trabalho.

A ideia básica que se defende aqui é que o formato *talk show*, razoavelmente padronizado, somado ao contexto local do programa selecionado, criaria um tipo de situação de interação que encaixa, dentro da troca mais explícita entre entrevistador e entrevistado,

³ O termo interação “mediada” é controverso. Para Thompson (1995), comunicações mediadas são aquelas que contam com *sincronia* (no sentido temporal do termo), sem contato face a face, que é substituído por um instrumento tecnológico, como o telefone, por exemplo. Programas televisivos, embora forjem o encontro face a face através da câmera, sustentam um tipo de interação unilateral, assíncrono e sem possibilidade de tomada de turno por parte do ouvinte. Como seria esse último o critério fundamental para definição de um encontro social, o autor prefere chamar os programas de TV de “quase-interação” mediada.

uma subinteração, contida na primeira, entre a entrevistada, que projeta agora a fachada de candidata, e a(s) plateia(s), conseqüentemente posicionadas como eleitores em potencial.

A seção subsequente tratará de explicitar os conceitos de estrutura de participação, enquadres e pistas de contextualização (centrais na teoria que subscrevemos), e também os mecanismos de encaixe e ritualização, fundamentais para análise aqui pretendida. Seguem-se a isso, após breves considerações metodológicas, a análise propriamente dita e algumas conclusões preliminares.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Qualquer trabalho de análise discursiva que se dê à luz teórica do sócio-interacionismo (Gumperz, 1982; 1999; Goffman, 1964; 1967; 1981; Shiffrin, 1994; Tannen & Wallat, 1987, dentre outros) visa a avançar conhecimento sobre as relações entre língua, cultura e sociedade a partir da observação das situações sociais de interação concretas e por isso mesmo difusas:

Um estudioso interessado nas propriedades da fala pode se ver obrigado a olhar para o cenário físico no qual o falante executa seus gestos simplesmente porque não se pode descrever completamente um gesto sem fazer referência ao ambiente extracorpóreo no qual ele ocorre. E alguém interessado nos correlatos linguísticos da estrutura social pode acabar descobrindo que precisa se voltar para a ocasião social toda vez que um indivíduo possuidor de certos atributos sociais se fizer presente diante de outros. Ambos os estudiosos precisam, portanto, olhar para o que chamamos vagamente de situação social. E é isso que tem sido negligenciado (Goffman, 1964 [2002]: 16).

Eleger a situação como foco de análise significa rejeitar qualquer relação direta e estável entre forma e sentido; entretanto, não significa tornar tal relação impossível. O que Goffman rejeita (1964) é a construção de inventários abstratos e ensimesmados de variáveis linguísticas associados a variáveis sociais simplesmente porque entre tais polos está uma “órbita microecológica” de cenários e especificações contextuais e psicológicas, que fazem de cada interação uma situação única, e dos sentidos, construções situadas dos participantes, cuja análise – da parte do analista, mera representação – demanda atenção caleidoscópica aos elementos que em vários níveis compõem a interação: princípios organizacionais; mecanismos processuais de sinalização; interpretação de intenções e identidades e configurações locais específicas de tempo, espaço, participantes e seus comportamentos verbais e não verbais.

O trabalho de Goffman (1964; 1967; 1974) parece ter sido o de tornar explícitos tais elementos, com intuito de fornecer bases teóricas para que se entendam os modos como as

peças atribuem valor simbólico ao que é dito e feito nos encontros sociais (cf. Shiffrin, 1994).

Dentre essas bases teóricas, privilegiamos, neste trabalho, um princípio organizacional da interação – a estrutura de participação (Goffman, 1981) –, alguns mecanismos de construção de sentido – especialmente enquadre e footing (*idem*) – e ainda processos de construção tais como ritualização e encaixe, com o objetivo de refletir acerca de duas situações sociais contemporâneas (provisoriamente) encaixadas: o *talk show* e a propaganda política.

1.1 ESTRUTURAS DE PARTICIPAÇÃO

Erickson e Shultz (1981 [2002]: 218) definem estrutura de participação como configurações da ação conjunta dos participantes de uma interação que englobam maneiras de falar, de ouvir, de obter o turno, mantê-lo e conduzi-lo.

Ao discutir a complexidade e abrangência dessas estruturas, Goffman (1981) contrapõe-se ao que ele chama de “análise tradicional da conversa”, cujos *insights*, comprometidos com a descrição da ordenação da conversa em comunicação espontânea, fundamentam-se em princípios de adjacência e alternância de falas, a partir dos quais os participantes atualizam papéis de ‘ouvinte’ ou ‘falante’ de acordo com a posse do turno⁴. Revezadamente, tais papéis, ancorados no piso conversacional, seriam definidos pelo critério da emissão de um som verbal.

É esse justamente o ponto a ser problematizado por Goffman. Para o autor, nem a adjacência é marcada necessariamente por “fala”, nem os papéis de ‘ouvinte’ e ‘falante’ são tão simplesmente ordenados que se possa demarcá-los a partir de mera constatação de emissão sonora. Antes, a aproximação e o distanciamento físico dos participantes, de modo anterior e mais relevante que a fala, são suficientes para marcar o início e o fim de um estado de conversa. Essa ideia estará mais desenvolvida adiante, na revisão do trabalho de Phillips (1976).

Posto um estado de conversa, sua estrutura de participação, isto é, a distribuição de papéis, direitos e deveres em uma interação, poderá incluir tipos diferentes de ouvintes: aqueles para os quais a fala está sendo sinalizadamente dirigida; aqueles que, por alguma

⁴ Goffman parece estar dirigindo suas críticas ao que se convencionou chamar “pares adjacentes” a partir principalmente do trabalho de Sacks, Jefferson e Schegloff (1973). Os ‘pares’, como o próprio termo sugere, baseiam-se em trocas verbais lineares e alternadas que sustentam a conversa.

razão circunstancial, estão num dado momento ouvindo, ainda que a fala não seja a eles dirigida; aqueles para quem a fala sem dúvida está sendo dirigida, ainda que de maneira não sinalizada, entre outros, a depender de elementos culturais e situacionais, uma vez que o objetivo de Goffman manifestadamente não foi o de estabelecer taxionomias rígidas de audiências possíveis.

Para dar conta da análise dessas diferenças, Goffman (1974), seguido por Phillips (1976), introduz a noção de ratificação. A ratificação, na estrutura de participação, é a autorização que recebe uma audiência por parte de quem fala e por meio de sinais de diversa natureza, sendo reconhecível pela probabilidade de tomada do turno (Phillips, 1976[2002]: 27). Isso quer dizer que reconhecemos um ouvinte ratificado, principalmente, quando ele é, em potencial, um falante dos turnos seguintes.

Da mesma forma que – conclui-se – ser ouvinte é fundamentalmente diferente de ser ouvinte ratificado, falar também “não é o mesmo que falar ratificadamente” (Phillips, 1976[2002]: 31), isto é, também os ouvintes emitem sinais de atenção e autorização à fala do outro durante o encontro. Mas, como alertado anteriormente, tais sinalizações nem sempre são lineares, e um alto grau de variabilidade cultural emerge de algumas interpretações de estruturas de participação diferentes do paradigma clássico – aquela baseada na necessária alternância de turnos, a partir da qual a conversa se *ordenaria*.

É o que Phillips (1976) parece apontar em análise das interações na cultura indígena de *Warm Springs* (Oregon, EUA), quando pondera acerca da necessidade de se considerar contribuições de natureza não-verbal no que diz respeito à ordenação da fala, como os movimentos do corpo, da cabeça, do rosto e dos olhos.

Baseando-se nos estudos de Kendon (1967) e Birdwhistell (1970), a autora aposta que alterações proxêmicas e movimentos corpóreos em geral são sinalizações de alinhamento e de sincronia⁵ equiparáveis à informação verbal; indicam ajustamentos entre interlocutores e respostas ativas às suas expectativas (Phillips, 1976[2002]: 27-8).

As construções interacionais de ratificação analisadas por Phillips davam-se de forma bastante singular se comparadas às típicas da cultura norte-americana branca de classe média. Os significados atribuídos a pausas, movimentos corporais e olhares, nos mecanismos de adjacências de turno e no que diz respeito à distinção entre interlocutores ratificados e não-ratificados, são díspares nas duas culturas. Para ficarmos em apenas um dos exemplos da autora, na cultura *Warm Springs*, a fala dos indígenas é endereçada genericamente, não a

⁵ *Sincronia conversacional*, segundo os estudos de Condon e Ogston (1967; 1968; 1971 *apud* Phillips, 1974) sobre o mesmo assunto, significa o “ajuste” harmonioso entre falas e movimentos dos interlocutores.

alguém específico. Ao contrário do que ocorre na cultura “branca” americana, diante de um grupo, o alinhamento corporal e o olhar do falante permanecem indistintos. Isso quer dizer que o falante não exerce qualquer influência sobre o turno seguinte através da sinalização dos interlocutores ratificados.

Não reconhecer os sinais clássicos de ratificação de uma dada configuração interacional, entretanto, não justifica a alegação de sua inexistência. É preciso analisar com cuidado os elementos contextuais e notar que há formas multimodais e subreptícias de sinalização, e que mesmo a ausência de sinais pode ser o ritual típico de uma forma de interação.

Baseando-nos nos achados de Phillips, podemos inferir que a ratificação dos papéis em uma interação não necessariamente está em correlação com a configuração dos turnos, mas sim com uma noção de reconhecimento/aceitação desses papéis por parte dos interlocutores.

Essa é uma ideia central para o presente trabalho. A articulação das noções de estrutura de participação e formas de ratificação, bem como as complicações da noção de encontro social, nos permite supor que, no contexto sobre o qual lançamos nosso olhar, existam audiências ratificadas e ratificadoras que nunca adquirem, de maneira síncrona e linear, o piso conversacional, ou o *status* de ‘falante’. No programa que analisamos, por exemplo, que abarca como participantes um entrevistador, uma entrevistada, uma plateia de auditório e ainda os telespectadores do programa, encontramos pelo menos três níveis de ratificação. No primeiro e mais óbvio deles, está a relação entre o entrevistador e a entrevistada, cujos papéis cambiantes estão enquadrados na distinção clássica entre falantes e ouvintes, que mutuamente se ratificam por sinais multimodais típicos de nossa cultura, como alternância de turnos em pares adjacentes, proximidade física, direcionamento de olhar, uso de vocativos e referências compartilhadas. Num segundo nível, imaginamos uma fusão desses mesmos participantes, que passam a operar ambos como “falantes-em-binômio” de uma audiência mais distante e silenciosa, porém ratificada, que é a plateia do auditório, para quem ambos dirigem suas falas, olhares e movimentos corpóreos. Essa audiência, por sua vez, ratifica o *status* de falante de seus interlocutores com olhares, direcionamento do corpo, demonstrações interjeitivas de interesse e risadas. Ainda é possível enxergar um outro nível de interlocução mutuamente ratificada se considerarmos a natureza de um programa de televisão e o seu propósito de existência: aquela que há entre os telespectadores e aqueles que em última instância objetivam dirigir-se a eles (um programa de televisão só se justifica pela presença constante e silenciosa de uma plateia telespectadora – cf. Thompson, 1995). Nesse

nível, todos os personagens do programa (entrevistador, entrevistada e plateia) estão arrolados em bloco como interlocutores que se dirigem a uma audiência imaginada (cf. Goffman, 1981), presumivelmente atenta à televisão. Ainda que distante no tempo e no espaço, tal audiência reagirá responsivamente à interlocução, e captará os sinais que lhe confere a condição de ouvinte: olhares para a câmera, apelos verbais diretos e demais estratégias governadas pela estrutura de participação emergente.

Estamos optando por falar em níveis de interação por acreditar que um programa em formato *talk show* materialize um único encontro social, mas que se dá em camadas sobrepostas. Na seção 3, voltaremos a essa ideia, que parece ser própria de encontros contextualizados em mídia televisiva.

1.2 ENQUADRES E ALINHAMENTOS

Na seção anterior, usamos termos gerais para falar das formas de sinalização e ratificação. A caminho de uma compreensão mais precisa do processo a partir do qual os participantes aderem a papéis interacionais e os reconhecem, revisaremos agora um desdobramento teórico desse processo, os conceitos de enquadre (Bateson, 1972; Goffman, 1974; 1981) e *footing* (também em Goffman, 1981).

Para dar conta das definições psicológicas da interação, Bateson (1972) introduz o termo ‘enquadre’, retomado por Goffman (especialmente em 1974), como uma metamensagem, natural à comunicação humana, que situa os sentidos implícitos de uma elocução específica ou situação como um todo.

Longe de aprisionarem a interação em uma fôrma, os enquadres são estruturas dinâmicas; são negociáveis e modificáveis ao longo de uma mesma interação. As transições são geradas ou captadas no *footing*, conceito que diz respeito ao alinhamento, à postura, posição e à projeção do “eu” na relação com o outro, consigo e com o discurso, sinalizado por alterações evidentes ou sutis no comportamento dos participantes (Goffman, 1981[2002]:113). O *footing*, então, é o liminar entre dois episódios mais substancialmente sustentados (idem); deve, portanto, ser visto como parte de um contínuo.

A ideia de Goffman é que uma análise estrutural do *footing* exige o exame das estruturas de participação, da maneira como os participantes estão negociando situadamente a definição da situação e a distribuição dos papéis e hierarquias nela instanciados. Seguimos esse caminho na análise do *corpus*, ao sugerirmos a existência de enquadres de ‘entrevista’ e ‘campanha’ a partir das sinalizações de ratificação (cf. seção 3).

1.3 PISTAS DE CONTEXTUALIZAÇÃO

Considerando a dinamicidade dos enquadres na comunicação humana, pode-se supor que os participantes de uma interação estejam todo o tempo sinalizando e inferindo o modo como a comunicação deve ser interpretada. Tanto o uso estratégico dos enquadres quanto suas inferências só são possíveis graças a certas convenções que orientam os falantes diretamente no contexto de uso.

São as pistas de contextualização (Gumperz, 1982) as responsáveis por associar a manifestação linguística ao conhecimento contextual num nível pragmático na base das forças ilocucionárias dos enunciados, sendo usadas para comunicar ou inferir propósitos comunicativos, sob o argumento de que o desconhecimento de suas funções socialmente situadas – manifesto, por exemplo, nos estudos de Gumperz sobre cruzamento cultural – são justamente a causa de desentendimentos e ruídos comunicativos. Isso porque as pistas, quando tomadas em relação ao processo e ao contexto, apresentam um valor sinalizador dependente do reconhecimento tácito do seu significado por parte dos participantes.

Citando destacadamente o trabalho de Gumperz, Goffman (1981) preocupa-se em atrelar o conceito de enquadre ao de pistas de contextualização, o último operando como índice do primeiro. Dentre os recursos linguísticos que podem admitir essa função, a alternância de código recebe destaque em ambos os trabalhos. Recursos prosódicos como altura, volume, ritmo, acentuação e timbre também são observados como pistas potenciais.

Além desses, desde a menção ao trabalho de Phillips (1970), temos procurado ressaltar a importância da informação não-verbal como uma das possíveis convenções dessa natureza. Os sinais não-verbais, como os estudados por Hall (1959; 1966) e Birdwhistell (1970), demonstram que, no ato de falar, olhos, rosto, membros e torso emitem sinais de informação – enquadram e sinalizam os processos de enquadramento (Gumperz, 1982[2002]: 166-7).

É importante notar que o que se assume na definição de pistas de contextualização é a sua potencialidade. Nenhum recurso gramatical é em si uma pista, assim como seu valor sinalizador jamais será recuperável de maneira abstrata. Para a teoria que subscrevemos, as interpretações são ecologicamente condicionadas; se dependentes de conhecimentos pressupostos, ainda assim são negociados e reinterpretados na conversa.

1.4 ENCAIXE E RITUALIZAÇÃO

Mais acima dissemos que, por convenção, a entrevista de TV, no formato *talk show*, se organizava convencionalmente pela ratificação tácita e simultânea de pelo menos três audiências distintas.

Há que se resolver um (aparente) problema neste ponto: como é possível pleitear uma explicação baseada em convenção, se estamos optando por uma teoria que aposta na construção situada de sentidos?

Já em 1964 – sem negar a realidade *sui generis* de um encontro social – Goffman dizia que existem regras culturais de convivência que direcionam o comportamento de um grupo em uma determinada situação (Goffman, 1964[2002]: 17): “Existem certas combinações sociais, de todos ou de alguns presentes, que pressupõem uma maior ou mais extensa estruturação de conduta” (*idem*).

Isso quer dizer que as interações sociais podem ser de alguma forma ritualizadas; que há algum tipo de arranjo social compartilhado e organizado, dentro do qual a fala se abriga. Em outras palavras: as interações podem apresentar-se como recorrências mais ou menos tipificadas recuperáveis da memória social. O conceito de ritualização, que aparece no texto de 1981, parece ser correlato dessa ideia.

Segundo Goffman (1981:14), ritualizamos, por exemplo, as estruturas de participação típicas de um ambiente interacional específico, enquadres familiares e os diversos comportamentos sociais a eles relacionados – como gestos, posicionamentos, enunciados –, projetando-os sempre que nos vemos em situação semelhante. Da mesma forma, o caminho inverso se realiza: muito do que inferimos acerca dos encontros sociais baseia-se na projeção dos rituais que nos soam identificáveis e familiares.

Ideia semelhante aparece em Gumperz (1982), que, ao teorizar sobre as pistas de contextualização, previa que, para categorizar eventos, inferir intenções e apreender expectativas, usamos conhecimentos e estereótipos relativos a diferentes maneiras de falar. O uso desse tipo de conhecimento é crucial para a eficácia comunicativa, uma vez que o valor simbólico de uma pista dependeria não apenas da sua recuperação *ad hoc* na situação especificada, mas também (conjuntamente) de um processo de reconhecimento do sinal por parte dos participantes.

Ainda em Gumperz (1982), o conceito de sincronia conversacional – ajuste ou cooperação entre participantes quanto à construção de sentido – também parece estar alinhado a essa ideia, já que é dependente da existência de previsibilidade e rotina adquirida nas

experiências culturais interativas prévias⁶. Em poucas palavras: cooperação conversacional tem a ver com compartilhamento.

Cabe ressaltar que essa ideia não nega as especificidades dos eventos comunicativos, nem nos leva a acreditar que os sentidos das pistas pré-existam; apenas revela-se um dos elementos da construção e negociação dos mesmos: as expectativas sobre os encontros.

A mesma explicação é dada por Shultz, Florio e Erickson (1982) e Phillips (1972) em trabalhos sobre as expectativas de alunos quanto à estrutura de participação típica de sala de aula. O direito ao piso conversacional, por exemplo, é considerado apropriado ou não pelos participantes de acordo as práticas comunicativas que lhes servem de *background*, o que explica a relutância de crianças de culturas indígenas norte-americanas em participar da estrutura de participação institucional-escolar.

Tannen e Wallat (1987) introduzem um outro tratamento teórico para *backgrounds* dessa natureza a partir da distinção que fazem entre enquadres e esquemas. Sendo ambos estruturas de expectativas, os esquemas se diferenciariam dos enquadres por serem unidades de conhecimento, estruturas que abarcam o que sabemos sobre pessoas, objetos, cenários e eventos. Enquanto os enquadres, em conformidade com teorias prévias já mencionadas, são definidos como “unidades interativas de interpretação”, negociadas momento a momento em um encontro social, os esquemas remontam a uma anterioridade recuperável na memória. De certo também dinâmicos porque passíveis de negociação, os esquemas, segundo as autoras, interagem com os enquadres, de forma que uma discrepância na estrutura de conhecimento gera uma mudança na definição da situação. No presente estudo, trabalhamos com a possibilidade de aproximação dos conceitos de ritualização e esquema, uma vez que o que os participantes *sabem* sobre os ritos dos encontros sociais pode ser descrito como uma estrutura de conhecimento.

Um outro ponto-chave para o trabalho de análise que se desenvolverá a seguir é a possibilidade de manejo desses rituais. Goffman (ainda em 1981) nota que certas características conversacionais da estrutura de participação podem ser transplantadas de seu ambiente interacional natural para um outro artificial, como uma teatralização para fins específicos: “do mesmo modo que os dramaturgos podem colocar qualquer universo no palco, também nós podemos representar qualquer estrutura de participação e qualquer formato de

⁶ Essa ponto é nevrálgico no trabalho de Gumperz, que, ao debruçar-se sobre encontros interculturais, defende que cooperação conversacional tem a ver com cultura e como o partilhamento de pistas e seus respectivos valores sinalizadores. Nesse sentido, o estudo das comunicações interculturais é especialmente útil para se demonstrar o esvaziamento do conhecimento gramatical compartilhado frente à relatividade imposta por outros tipos de conhecimento relevantes na construção de sentido: os de natureza cultural e interacional.

produção em nossa conversa” (idem [2002]: 146). Tal processo, denominado “efeito em camadas”, ou encaixamento, tem por base um reenquadramento, i.e., uma mudança de *footing*. Arranjos interacionais inteiros podem estar baseados em estruturas encaixadas, demandando, do analista, um recorte consciente dessas laminações e dos reenquadramentos consequentes.

Por isso, Erickson e Shultz (1981) comparam os processos de inferência conversacional ao dedilhar de um rosário composto de pedras de diferentes tamanhos e texturas. Segundo os autores, caberia ao analista identificar e descrever cada mudança de textura no decorrer do tempo.

A seguir, na seção de análise e discussão dos dados, procuraremos apontar encaixes presentes em nosso *corpus* que nos ajudarão a explicar suas especificidades. A ideia básica aqui é que o formato de participação de *talk show* e o de programa político se hibridizam, estando um teatralizado no outro a partir de encaixes sucessivos estratégicos.

2. BREVES CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Os dados deste trabalho consistem na transcrição de um programa de TV, o *Programa do Jô* (Rede Globo - Brasil). Trata-se de um programa noturno de entrevistas, de tipo *talk show* (com plateia no estúdio), em que o entrevistador (Jô Soares) convida um entrevistado por vez a sentar-se ao seu lado (formação *side by side*) e a responder as suas perguntas de forma descontraída.

Cabe destacar a frequência com que figuras públicas institucionais são convidadas a participar do programa, que ganhou fama nas décadas de 80-90 justamente por fomentar o debate político em períodos eleitorais ou de escândalos governamentais.

O programa que servirá de base para análise foi ao ar em Junho de 2008 e trouxe como uma de suas atrações a deputada estadual Jandira Feghali (PCdoB), pré-candidata à prefeitura do município do Rio de Janeiro para as eleições de outubro do mesmo ano.

Além dos participantes da entrevista propriamente dita, o programa conta com pelo menos dois tipos de audiência: o público que testemunha do estúdio e ao vivo a fala dos animadores, e os telespectadores que consomem o programa por meio da mídia televisiva.

Dentre os aspectos mais relevantes na distinção das duas plateias está o fato de a primeira encontrar-se na mesma ocasião social em que os protagonistas do programa (entrevistador e entrevistado), estando suscetível a toda forma de estimulação mútua. Já a

segunda, a plateia “de casa”, só faz parte da ocasião de maneira secundária e intermediária (Goffman, 1981).

A entrevista, que durou aproximadamente 22 minutos, foi transcrita (cf. nota 7) e analisada qualitativa e interpretativamente, ressaltando-se alguns de seus aspectos verbais e não-verbais.

Anteriormente, quando discutimos o conceito de estruturas de participação, defendemos que era possível entender as configurações da ação conjunta em camadas, ou níveis, que articulavam a participação, no *talk show*, de um entrevistador, uma entrevistada, uma plateia presencial e outra telespectadora.

Como precisamos de um foco, e a motivação inicial deste trabalho está fortemente relacionada ao interesse no discurso político, lançaremos luz principalmente sobre o discurso de Jandira especificamente e seus movimentos de interação com os três níveis de interlocução.

Em um primeiro momento da análise, descreveremos as pistas de contextualização mais explícitas identificadas nos movimentos de ratificação das diferentes plateias. Após isso, dividiremos o fragmento em três movimentos, para demonstrar como dessa divisão emerge uma estrutura mais complexa, que define pelo menos dois enquadres encaixados – *entrevista* e *campanha*. O recorte analítico privilegiou, então, as seguintes questões:

1. Como se organiza a estrutura de participação no contexto analisado e que formas verbais e não verbais sinalizam a ratificação das audiências (seção 3.1);
2. Que enquadres e alinhamentos emergem do arranjo interacional e de que forma os mesmos se encaixam (seção 3.2);
3. Que identidades/papéis sociais são recuperáveis a partir da análise do que está sendo feito e dito na situação comunicativa (seção 3.3).

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Ao longo da exposição teórica, tentamos costurar conceitos basilares do empreendimento sócio-interacionista, como estrutura de participação, enquadre, *footing*, pistas de contextualização e, ainda, os mecanismos de encaixamento e ritualização.

O trabalho de análise objetivou dar conta da articulação desses conceitos, com ênfase maior nos aspectos macrodefinidores da situação. Reproduzimos a seguir a transcrição do fragmento que informa a presente análise⁷.

		((palmas da platéia. Jandira e Jô sentados lado a lado, com os rostos voltados um para o outro))
2	Jô	<u>tem</u> um projeto <u>seu</u> ... que:: me parece- a- a mim quer dizer- ↓eu tô fazendo aqui o papel
3		↑do... advogado do diabo (.)
4	Jandira	°sim°.
5	Jô	me parece que é muito mais <u>assim</u> de show off do que de r:realidade, que é (.) o projeto de
6		r:egionalização da cultu↓ra. ...como é que você consegue fazer isso a não ser
7		espont:aneamente? ... vou- vou dar um exemplo↓ no no- no Rio Grande do Sul por exemplo,
8		o: RBS ... tem uma programação local fortíssi↓ma, alguns estados <u>tê:m</u> uma programação
9		local fortíssi↓ma,h mas como é que você consegue impor isso de- de cima pra baixo?
10		
11	Jandira	não é show off nada, você para de ser (.) [provocador.((Jandira segura a mão de Jô))
12	Jô	[é sim. é↓
13	Jandira	isso é um provocador [viu gente? ((olha para a plateia))
14	Jô	[hh ((risos))
15	Jandira	isso é um provocador. isso não é show off não.
16	Jô	hh ((risos)) eu acho que aparece bem na mídia,
17		mas que [é meio-
18	Jandira	[nada que nada,
19		↓a mídia nem gosta muito de colo↑car, porque a mídia às vezes não gosta muito do projeto.
20		(.) não, esse projeto, na verdade, não é um projeto de pro- regionalização (.) da cultura, é um
21		projeto de regionalização (.) da ((olha para a plateia)) produção cultural artística e jornalística.
22		o que que é isso,
23		eu vou explicar aqui pra [e:les, ... ((olha para a plateia))
24	Jô	[hh é a mesma [coisa
25	Jandira	[pra vo↑cê, (.) que você acho que não entendeu,
26		((volta a olhar para o Jô))
27		e pra todo mundo que tá nos ouvindo (.) ((olha para uma das câmeras))
28		na verdade é garantir que na tevê <u>aberta</u> ... eh a produção regional possa ↑ir (.) pra televisão,
29		(.) não é, produção:: regional. (.) isso isso-
30	Jô	quer dizer impôs[ta

⁷ Convenções de transcrição utilizadas: (.) descida leve sinalizando final de enunciado; (?) subida rápida sinalizando uma interrogação; (,) descida leve na entonação; (::) alongamento de som; (-) corte abrupto no enunciado; (palavra) ênfase em uma sílaba ou palavra; (...) pausa com menos de um segundo; (°palavra°) volume baixo; (↑) entonação ascendente; (↓) entonação descendente; (hh) risadas; ((comentário)) comentários do transcritor; (/.../) corte na transcrição.

31	Jandira	[não é imposta, isso é no mundo todo é assim, Jô,
32		você conhece o mundo to:do, e sabe do que eu tô dizendo. na Europa inteira é a↑ssim, até
33		mesmo nos Estados Unidos é a↑ssim, existe um <u>percentual</u> mínimo obrigató: ↑rio, (.) para
34		que a <u>televisão</u> coloque a produção regio↓nal. isso é uma forma de abrir (.) mercado de
35		tra↑balho (.) né, porque todo mundo ((olha e aponta para a platéia)) tem que vir pro Rio e São
36		Paulo pra poder existir (.) na televisão (.) e na difusão eh no meio de comunica↑ção é uma
37		forma de nós fazermos com que (.) a <u>diversidade</u> cultural brasileira <u>apareça</u> , (.) porque eu não
38		posso crer
39		que (.) nós tenhamos que ter a <u>grí:ria</u> do Rio de Janeiro, do Leblon do Rio de Janeiro, lá no
40		A↑cre, n- o o Rio de Janeiro te- tem que conhecer a o sotaque acreano, o <u>sotaque</u> de Goiás, o
41		<u>sotaque</u> de todos os lugares do Brasil. (.) a diversidade cultural brasileira <u>afirma</u> a identidade
42		nacio↑nal, (.)
43		e é uma forma da gente democratizar a comunicação.
44		/.../

3.1 A ORGANIZAÇÃO DA ESTRUTURA DE PARTICIPAÇÃO E AS SINALIZAÇÕES DE RATIFICAÇÃO

Neste primeiro momento da análise, procuraremos demonstrar descritivamente os movimentos de ratificação entre os participantes do evento, ressaltando a direção do olhar, principalmente, como uma estratégia utilizada por Jandira na demarcação de sua audiência.

A interação entre Jô e Jandira e o trabalho mútuo de ratificação entre eles são os pontos mais fáceis de serem demonstrados. Durante toda a interação, entrevistador e entrevistada engajam-se na construção de pares adjacentes, chamando-se pelos seus nomes, ou por meio de algum recurso pronominal que o valha (por exemplo, “tem um projeto *seu*”, linha 2). Trocas de olhares entre ambos predominam na interação, e são reveladoras do mesmo processo. Um ao lado do outro no sofá, os participantes encontram-se bastante próximos, a ponto de se tocarem em momentos de cumprimento e despedida.

A formação *side by side* (Kendon, 1990) impõe que os rostos dos interlocutores estejam voltados para frente na maior parte do tempo da entrevista, justamente onde se encontra a plateia do programa, razoavelmente afastada do palco, que, por sua vez, age responsivamente com olhares, expressões interjeitivas e risadas. Estamos considerando tanto o olhar para plateia quanto a reação desta como pistas que sinalizam ratificação dos papéis instanciados e como marcas de envolvimento comunicativo (Tannen, 1989).

De forma mais explícita, na linha 13, o marcador conversacional “viu”, seguido do vocativo “gente”, reforça o alinhamento da candidata com a plateia do programa. Segundos depois, ao explicar a natureza de seu projeto, novamente Jandira menciona explicitamente a

plateia (linha 23): “explicar aqui pra eles”, de forma redundante⁸ com o direcionamento do olhar. Nas linhas 29 e 46, tal movimento se repete.

Quanto à interação com o telespectador de casa, suas marcas de ratificação são mesmo mais difíceis de se recuperar, conforme já alertamos na seção teórica correlata. Se, até então, da descrição do que defendemos ser as duas camadas mais imediatas, estávamos lidando com formas de interação síncronas e presenciais, cujos enunciados traziam sentidos e alinhamentos gerados *online*, agora somos levados a considerar o esvaziamento do espaço-tempo na definição da situação social (cf. Oliveira e Barbosa, 2002).

O poder de alcance de um programa de TV faz com que seu espaço de interação não se esgote nos limites do estúdio. As salas de estar que recebem a transmissão tornam-se espaços paralelos de alguma maneira englobados pela situação comunicativa. Da mesma forma, também o tempo é impreciso, pois a interação pode acontecer ao vivo, no dia da exibição, ou ainda muito tempo depois, através de diferentes formas de registro do programa.

Prova de que esse nível constitui uma interação como outra qualquer, sendo os telespectadores audiências ratificadas e não meros circunstantes⁹, é o uso dos marcadores explícitos de alinhamento da entrevistada com o telespectador. A exemplo do que acontece com a plateia, Jandira olha diretamente para a câmera na linha 27, ao anunciar uma exposição sobre um de seus projetos. Ao fazê-lo, tanto para plateia quanto para os telespectadores, a candidata cria uma expectativa de reação, ainda que esta seja de natureza não-verbal; ainda que extrapole os limites espaço-temporais do programa.

3.2 ENQUADRES E ALINHAMENTOS SUSTENTADOS NA INTERAÇÃO

A sequência transcrita tem início com uma pergunta de Jô Soares (primeiro movimento da atividade), lançada provocativamente. Nesse momento, estabelece-se o enquadre de ‘entrevista’ e o tópico: um projeto de lei sobre regionalização da cultura de autoria da entrevistada. Essa fala está marcada por hesitações (2-3, 5-10), que demonstram o forte potencial ameaçador da questão, produzida em tom de debate.

A hesitação de Jô contrasta com a brincadeira introduzida pela entrevistada, que evita o confronto direto, deslizando rumo a um reenquadramento afetivo (mudança de *footing*), por meio da teatralização (encaixe) de um conluio com a plateia reparador da fala de Jô (linhas 13

⁸ A redundância modal, segundo Erckson e Shultz (1981), consiste na apresentação de pistas convergentes em modalidades diferentes (verbal e não-verbal).

⁹ O ouvinte circunstante, segundo Goffman (1981), é polido e encena sua ausência, daí o argumento de que esse não seja o caso das plateias de TV.

e 15). O olhar direcionado à platéia e a transição para o registro informal (“você para de ser provocador”; “isso é um provocador”; “viu, gente?”) constituem pistas para o novo enquadre (segundo movimento). Os risos subsequentes, tanto da parte de Jô quanto da plateia, parecem ratificar o novo enquadre. As sobreposições de fala (linhas 11-12; 16-18) indicam que o enquadre de ‘debate’ continua operando simultaneamente.

A inserção dessa sequência, em si, é pista relevante a ser interpretada. Acreditamos que esse enquadramento, e seu caráter fugaz, funcionem como uma preparação para o que está por vir – o enquadre de ‘campanha’. Este só é possível pela negação do enquadre anterior proposto por Jô. O segundo movimento é, então, estrategicamente, um ponto liminar entre dois enquadres mais substancialmente sustentados.

A partir daí (linha 19 em diante), instaura-se uma relação assimétrica entre entrevistador e entrevistada quanto ao piso conversacional, e um novo reenquadramento da situação emerge (encaixe do terceiro momento), dessa vez ecoando a voz institucional de Jandira enquanto figura pública, candidata a um cargo eletivo, a discursar sobre seu projeto. Nesse momento, a despeito da proxêmica e adjacência de turnos, nota-se novamente um alinhamento com a(s) plateia(s), na medida em que a fala de Jandira caracteriza-se como um discurso público, preparado, por sua natureza endereçado a seus possíveis eleitores. Dentre as pistas que reforçam a existência de uma terceira definição de situação negociada entre os interlocutores estão:

- (a) A extensão dos turnos de Jandira: uma comparação dos turnos de Jô com os de Jandira revela que as falas do primeiro são curtas (exceto a introdução de sua fala, em que a pergunta é lançada provocativamente) e hesitantes, e as adjacências consistem preponderantemente em risadas (linhas 14 e 16) e pequenas inserções que sustentam o confronto (linhas 12, 16, 24). Em contraste, os turnos de Jandira, a partir da linha 19, são longos, pausados e sem marcas de hesitação.
- (b) Uso frequente de estratégias retóricas de discurso oral público: a fala de Jandira nesse terceiro momento é repleta de marcas típicas de discurso público preparado, como um ritmo pausado, ancorado em paralelismos sintáticos (linhas 20-22; 32-33; 41-42) combinados com registro formal¹⁰.

¹⁰ Tannen (1989) destaca o uso de padrões e rítmicos e paralelismos sintáticos na oratória pública como estratégia de envolvimento interpessoal; de forma semelhante, Johnstone (1987), também nota o uso frequente e significativo de paralelismos em discursos públicos árabes.

(c) Recapitulação do estado de informação: Jandira não pressupõe esquemas de conhecimento sobre o tópico. Na linha 11, ao negar o enquadre de confronto, a entrevistada desautoriza a interpretação de Jô sobre seu projeto, explicitando o referente (linha 20), que sabia de antemão ser do conhecimento do entrevistador, de modo a compartilhá-lo com público. O mesmo movimento se observa nas linhas 31-33, em que, mesmo admitido o compartilhamento da informação com Jô (“você sabe que é assim”), a mesma é tematizada explicitamente como informação nova, como estratégia de ratificação das outras audiências.

Nesse terceiro momento, nota-se, de forma mais evidente, a complexificação da interação entre os participantes. As pistas que revelam ratificação das audiências também são as pistas de mudança de footing e projetam formas ritualizadas, como as de discurso político público, de tribuna.

Ao fazê-lo, Jandira se alinha com a fachada de candidata, posicionando as plateias como eleitores, especialmente quando utiliza uma forma discursiva reconhecível pelas mesmas. Nota-se aí um movimento de inversão na hierarquia da audiência: o discurso preparado contempla de forma significativa a plateia assíncrona, potencialmente periférica em uma análise no primeiro nível (entrevistador/entrevistada), uma vez que está ancorado em elementos facilitadores da compreensão, tanto pelas características linguísticas (como paralelismos, pausas e explicitação de informações presumivelmente obscuras para aqueles que não compartilham os mesmos esquemas de conhecimento), quanto na série de esquemas sobre a forma e a força ilocucionária e perlocucionária do discurso (no âmbito pragmático). Dessa forma, a audiência periférica encaminha-se para o centro da interlocução.

Enquanto Erickson e Shultz (1981) falam de pistas redundantes nos processos de ratificação da participação, aqui, as pistas são contrastantes: a proxêmica e a linguística estão em relação excludente, servindo à ratificação de audiências em diferentes níveis.

Quanto ao manejo de esquemas e enquadres, se compararmos as habilidades demonstradas pela candidata na forma de lidar com audiências com o famoso caso da pediatra analisada por Tannen & Wallat (1987), uma diferença básica emerge. Enquanto a pediatra maneja os enquadres em função do conhecimento que tem sobre os esquemas de suas audiências (a criança, a mãe e os residentes), Jandira constrói sua fala apoiada em uma projeção imaginada de audiência, pressupondo o não-compartilhamento das estruturas de conhecimento sobre o tópico.

É nesse sentido que nos sentimos autorizadas a falar em um encaixe “macro” de atividades sociais. Entrevista e campanha política se imbricam – e esse é um aspecto sociológico relevante que emerge da observação da análise da situação “micro” –, e o exame linguístico das estratégias discursivas é revelador desse processo.

3.3 NOTA SOBRE A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE/PAPÉIS SOCIAIS DOS PARTICIPANTES

A teatralidade da vida social de que fala Goffman (1981) e o esforço de “encenação” por parte de seus atores exacerbam-se no contexto político, em que a projeção de imagem é, em si, o propósito das atividade encenadas. As marcas de palanque acima explicitadas e as marcas de entrevista típicas do *talk show* articulam-se com o objetivo de levar a cabo uma atividade maior: a entrevistada parece estar engajada em um trabalho de reconhecimento reflexivo a partir do qual sua identidade social vai sendo negociada. A partir da reorientação da estrutura de participação, o discurso de Jandira projeta sua imagem de candidata à medida que transforma os participantes da(s) plateia(s) em seus eleitores potenciais. O manejo do *footing*, então, integra “o conjunto de estratégias através das quais os sujeitos sociais se esforçam para construir sua identidade, moldar sua imagem e se produzir (Goffman, 1981)”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exame de uma situação de interação complexa, que põe em cena várias audiências diferenciadas e pelo menos dois enquadres discursivos substancialmente estruturados só é possível quando se investe atenção especial aos modos de manejo do *footing*, que traz consigo um trabalho de reconhecimento mútuo entre os participantes. Esse trabalho está certamente apoiado em ritos sociais que, na condição de *backgrounds*, facilitam o trabalho de redefinição e inferenciação dos papéis sociais encenados.

O exame dos dados, seguindo tais orientações, encaminharam, tentativamente, as seguintes observações:

- (i) Tanto o enquadre de entrevista quanto o de campanha ancoram-se em expectativas estruturadas sobre estruturas de participação ritualizadas, projetadas de seus ambientes usuais. Tal projeção garante o reconhecimento e a eficácia na distribuição dos papéis interacionais.

- (ii) A redefinição desses papéis consistiu na inversão gradual da estrutura hierárquica sobre a qual as múltiplas audiências do *talk show* se organizavam. De dentro do enquadre ‘entrevista’, o alinhamento da entrevistada com o entrevistador exigia a ratificação privilegiada e redundante deste último em relação à(s) plateias(s). Após a introdução do enquadre de campanha, a entrevistada passa a alinhar-se de forma mais relevante com a plateia – *especialmente a de casa, supomos*.
- (iii) O encaixe do enquadre de campanha, sua ritualização típica e o manejo do *footing* terminam por reposicionar os participantes em identidades sociais mais amplas: candidata e eleitores.

Do modo geral, os resultados ecoam o apelo de Goffman (1964) sobre a impossibilidade de se estabelecerem relações diretas e estáveis entre variáveis linguísticas e variáveis sociais. A meio termo da tentação explanatória generalizante e do ceticismo absoluto, o deslocamento do foco analítico para um situação social específica implica admitir que os eventos são ritualmente governados ao mesmo tempo em que constituem-se como realidades *sui generis*, apreensíveis a partir de configurações circunstantes, constantemente negociados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BATESON, Gregory. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
2. BIAR, Liana de Andrade. Água mole em pedra dura tanto bate até que fura: Uma análise sociocognitiva do uso das repetições no discurso de Fernando Collor. Programa de Pós Graduação em Letras, UERJ, 2007. Orientadora: Tânia M.G. Saliés.
3. BIRDWHISTELL, Ray. *Kinetics and context*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1970.
4. ERICKSON, Frederick ; SHULTZ, Jeffrey. O “quando” de um contexto. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
5. GOFFMAN, Erving. A elaboração da face. Uma análise dos elementos rituais da interação social. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

6. GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
7. GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
8. GOFFMAN, Erving. *Frame Analysis*. New York: Harper & Row, 1974.
9. GUMPERZ, John. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
10. GUMPERZ, John. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
11. HALL, Edward. *The hidden dimension*. New York: Doubleday, 1966.
12. HALL, Edward. *The silent language*. New York: Doubleday, 1959.
13. JOHNSTONE, Barbara. Perspectives on repetition. *Text*, v. 7 (3), 1987.
14. KENDON, Adam. Spatial organization in social encounters: The F-formation system. In: KENDON, Adam. *Conducting interaction. Patterns of behavior in focused encounters*. Cambridge University Press, 1990.
15. PHILLIPS, Susan. Algumas fontes da variabilidade cultural na ordenação da fala. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
16. OLIVEIRA, M.C.L. e BARBOSA, B. Novas tecnologias e novos padrões de interação: Um estudo da fala em uma central de atendimento telefônico. *Palavra*, v. 8, Rio de Janeiro, Ed. Trarepa, 2002.
17. PHILLIPS, Susan. Participants structures and communicative competence: Warm Spring children in community classroom. In: CAZDEN, C; JONH, V; HYMES, D. *The function of language in the classroom*. New York: Teachers College Press, 1972.
18. SCHIFFRIN, Deborah. Interactional sociolinguistics. In: SCHIFFRIN, Deborah. *Approches to discourse*. Cambridge: Blackwell, 1994.
19. SHULTZ, Jeffrey; FLORIO, Susan; ERICKSON, Frederick. Where's the floor? Aspects of the cultural organization of social relationships in communication at home and at school. In: GILMORES, G. *Children in and out of a school. Ethnography, communication*. Washington D.C.: Center of Applied Linguistics, 1982.
20. TANNEN, Deborah. *Talking Voices. Repetition, dialogue and imagery in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
21. TANNEN, Deborah; WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação. Exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO,

Branca Telles; GARCEZ, Pedro. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

22. THOMPSON, John. *A mídia e a modernidade. Uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995.

RESUMO: O objetivo deste artigo é refletir, à luz da sociolinguística interacional, sobre os modos do fazer político contemporâneo e suas (novas) implicações interacionais. Especificamente, focaremos o conceito de *estrutura de participação* (Goffman, 1981; Phillips, 1976; Shultz, Florio e Erickson, 1982) em situações sociais mediadas pela TV, que prescindem do encontro face a face, apoiando-se na distância espaço-temporal entre os interlocutores e no alto potencial de alcance e multiplicação, típicos da comunicação de massa. Para isso, tomaremos como *corpus* uma entrevista de TV no formato *talk show* que traz como convidada uma pré-candidata às eleições municipais do Rio de Janeiro. A ideia básica que permeia a análise, de natureza qualitativa e interpretativa, é que o formato *talk show*, razoavelmente padronizado, articulado ao contexto local do programa selecionado, cria um tipo de situação de interação que encaixa, dentro da troca mais explícita entre entrevistador e entrevistado, uma sub-interação, contida na primeira, entre a entrevistada, que projeta agora a fachada de candidata, e a(s) plateia(s), conseqüentemente posicionadas como eleitores em potencial.

PALAVRAS-CHAVE: interação; estrutura de participação; enquadres; discurso político.

ABSTRACT: The scope of this article is to consider, under the light of interactional sociolinguistics, the contemporary ways of doing politics, and its (new) interactional implications. We will specifically focus on the concept of participation structure (Goffman, 1981; Phillips, 1976; Shultz, Florio e Erickson, 1982) in TV mediated social interactions, that prescind a “face-to-face” encounter, based on space-temporal distance between participants and on high reach and multiplication potential, normally present in mass media. Our corpus will be a talk show format TV interview, which guests a Rio de Janeiro municipal election pre-candidate. The basic idea that permeates this analysis, under the qualitative and interpretative nature, is that the talk show format, reasonably standardized, linked with the local context of the selected TV show, creates a type of interactional situation that fits, within the more explicit exchange between interviewer and interviewed, a sub-interaction, within the first situation, among the interviewed, who now projects at this time a candidate persona, and the audience(s), consequently positioned as potential voter(s).

KEYWORDS: interaction; participation structure; frames; political discourse.

Recebido no dia 05 de junho de 2009.

Artigo aceito para publicação no dia 02 de agosto de 2009.